



## O INDIVIDUAL E O COLETIVO NA LINGUAGEM: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE “A VIDA DE JESUS”, DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

Aloísio Ruedell\*

### RESUMO:

O propósito deste texto é discutir e clarear a relação entre o individual e o coletivo ou comunitário da linguagem, segundo sua caracterização em “Das Leben Jesu” (A Vida de Jesus), de Friedrich Schleiermacher. A convicção que acompanha o texto e que se constitui em tese é que “não se pode arrancar ninguém de seu tempo, de sua época e de seu povo”, ou seja, as circunstâncias são constitutivas do ser humano. Mas, de outro lado, também é verdade que a sociedade ou a comunidade somente existe porque constituída, mantida e/ou transformada pela ação dos indivíduos. A pergunta específica do autor é: como fica essa discussão quando o indivíduo em questão é Jesus, destacado por sua grande influência sobre a sociedade de sua época e de toda a história humana?

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Individual. Coletivo.

O presente ensaio baseia-se, basicamente, num texto de Friedrich Schleiermacher, designado pelo título “*Das Leben Jesu*” (A Vida de Jesus). O objetivo é discutir e clarear a relação entre o caráter individual e coletivo ou comunitário da linguagem, segundo sua caracterização nesta obra. Pois é isto que faz o autor: a propósito de uma abordagem específica sobre a vida de Jesus, desenvolve uma reflexão geral sobre a relação ou influência recíproca entre o individual e o coletivo ou comunitário, entre a linguagem universal ou comunitária e a fala singular de cada indivíduo. A convicção que acompanha o texto e que se constitui em tese é: “não se pode arrancar ninguém de seu tempo, de sua época e de seu povo”<sup>1</sup>. O contexto social ou comunitário é determinante e indispensável na constituição do indivíduo humano. É tempo perdido querer pensar o ser humano sem suas

---

\* Doutor em Filosofia pela PUCRS. Professor do Curso de Teologia URI-IMT. E-mail: aloisioruedell@gmail.com

<sup>1</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Das Leben Jesu*: Vorlesungen an der Universität zu Berlin im Jahr 1832. In: *Hermeneutik und Kritik*; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4.Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990, p. 387.

circunstâncias. Mas, também é verdade que a sociedade ou a comunidade somente existe porque constituída, mantida e/ou transformada pela ação dos indivíduos. A tese de Schleiermacher é que todos são influenciados pelo contexto social e, até certo ponto, também deixam nele sua marca ou influência.

Surge, então, a pergunta específica do autor: como fica essa relação quando o indivíduo referido é Jesus?

Imaginando que a discussão se dê entre cristãos ou crentes, então logo se lembraria a grande influência que Jesus teria exercido sobre sua comunidade de origem e, por fim, sobre toda a humanidade. Fica, porém, a pergunta: teria Ele também sofrido a influência de seu contexto social, da mesma forma como qualquer outro indivíduo humano? Isso não diminuiria sua dignidade?

Respondendo a essa pergunta, Schleiermacher afirma que não há exceção na relação recíproca entre o individual e o coletivo ou comunitário. Pode-se, nesse sentido, admitir diferentes graus ou níveis de influência sofrida e/ou exercida. Há, pois, homens que, em sua trajetória de vida, se destacam positivamente pela grande influência que exercem sobre a sociedade. Jesus, evidentemente, é um exemplo destes. Mas, até mesmo Ele não teria deixado nenhuma influência para a humanidade, se, na época, não tivesse acolhido os valores linguísticos de sua comunidade de origem, servindo-se de uma linguagem já existente. Sua vida e sua mensagem, antes de terem um sentido peculiar e único, trazem também a marca ou a influência de uma comunidade linguística.

“É evidente - assim inicia o filósofo - que não se pode arrancar ninguém de seu tempo, de sua época e de seu povo”<sup>2</sup>. No caso específico, que se propõe tratar, ele considera duas possibilidades de aplicação: a possibilidade de Jesus ser calculado individualmente ou de ser determinado e condicionado pelo contexto social. Na primeira possibilidade, o saber antecipado do outro não estabelece limites para a nossa consciência de liberdade, também não para a dignidade de Jesus, pois, somente poderão calculá-Lo aqueles que estiverem ligados a Ele e por Ele estiverem iluminados. A limitação seria problemática. De um lado, Jesus perde o caráter de modelo, se não pudermos saber como Ele teria sido e agido em qualquer situação, independente do contexto. De outro lado, sua dignidade parece prejudicada, se o

---

<sup>2</sup> SCHLEIERMACHER, 1990, p. 387.

considerarmos como determinado pelo contexto popular. Há sempre essas duas possibilidades na relação do indivíduo com a vida coletiva ou comunitária: ou ele domina ou ele obedece (é condicionado). A tese de Schleiermacher é de que, na relação de Jesus com o seu contexto social, existem as duas perspectivas. De um lado, Jesus domina absolutamente, mas, em sua receptividade, também está sob a influência do contexto. Caso contrário, não poderia ter se desenvolvido humanamente e nem agir enquanto tal.

Investigando a possibilidade de chegar a Jesus pelo cálculo, Schleiermacher propõe pensar o homem a partir de seu interior e com uma consciência tão clara, de modo que, com relativa segurança, seria possível pensá-lo sob outras circunstâncias e forças influenciadoras e, contudo, estabelecer sua vida sob circunstâncias não dadas. É a tarefa que se coloca quando se pretende obter um *conhecimento do homem* enquanto tal. O ideal nessa direção, afirma o autor, é um tipo de profecia, onde se sabe de antemão como o homem, sob certas circunstâncias, haverá de se mostrar. Trata-se, porém, de uma tarefa que somente pode ser pensada sob certos limites, ou seja, é um empreendimento fútil e vazio querer considerar um e o mesmo indivíduo humano em outro povo ou numa outra época. Seria em vão, porque um indivíduo humano, isoladamente considerado, não teria sido o mesmo em outro povo e numa outra época. Ele somente pode ser pensado sob as condições gerais de seu *Dasein*. De qualquer forma, não se pode arrancá-lo dessas condições. E isto que precisa estar claro para alguém que queira ter uma noção da influência da vida comunitária sobre a individual: o indivíduo somente é e se constitui na e pela vida comunitária. É uma relação inquestionável, que não pode ser alterada, e cada indivíduo humano já é ao mesmo tempo, em seu desenvolvimento, um resultado da vida comunitária.

Pergunta-se, agora: como fica isso, se o quisermos aplicar diretamente à tarefa específica de Schleiermacher, isto é, na descrição da vida de Jesus? Neste caso, as duas possibilidades, acima estabelecidas, parecem liquidar com a tarefa específica, tanto aquilo que foi estabelecido como o máximo (ou ideal) referente ao conhecimento do homem, enquanto indivíduo, quanto também aquilo que foi colocado como limitação ou determinação do contexto.

Em relação à primeira possibilidade, considerando o *maximum*, então poderíamos estabelecer a fórmula: “*somente pode haver uma representação que*

corresponda à ideia do homem individual, ou seja, que corresponda à ideia histórica que não se satisfaz com o aparente, na medida em que, em certo sentido, é possível calcular o homem em sua singularidade<sup>3</sup>, abstraído das circunstâncias. Dificilmente alguém questionará isso, se ele partir da ideia de que em tudo a natureza humana é a mesma, de modo que nenhuma forma de atividade pode ser pensada em alguém, que, conforme a essência, também não estaria em qualquer outro. Nesse sentido, a diferença entre os indivíduos só pode ser mantida em relação às formas de atividades comuns que constituem a natureza humana. E aí também existe um *Calculus*, e quanto menos correto ele for, tanto menor será o conhecimento do homem; e da mesma forma, quanto mais erros no conhecimento do interior, tanto mais equivocada deverá ser a representação da vida humana.

Seria muito demorado investigar aqui até que ponto isso esteja em contradição com a consciência da liberdade que está em todos nós. Presume-se, entretanto, que a clareza com que alguém nos compreende não vem em prejuízo de nossa liberdade. Alegremo-nos, se alguém nos calcula ou considera clara e corretamente e, contudo, permanecemos livres.

No entanto, quando se propõe uma descrição perfeita da vida de Jesus, com a ideia de que Ele poderia ser calculado segundo aquelas determinações gerais, isso então nos parece contradizer o modo como nós (cristãos) destacamos Jesus de todos os homens. De outro lado, porém, se declarássemos que a diferença de Jesus em relação a todo ser humano, sua dignidade específica também inclui que Ele, em sua vida humana, no modo como chegou a ser representado, não está sujeito ao mesmo *Calculus*, então haveríamos de suspender imediatamente toda a faculdade prática da representação de Jesus. Sem a possibilidade do cálculo, surge a pergunta: em base a que Ele então nos seria colocado como modelo ou referência? Isso seria algo insustentável e completamente vazio, se não nos fosse possível pensar Jesus agindo em outros casos, além dessas poucas manifestações em sua história que efetivamente nos são dadas. Se, no uso prático do conhecimento de Jesus, tivéssemos que ficar limitados às particularidades de sua vida que estão à nossa disposição, então essa aplicação prática não valeria nada para nós. Portanto, aquilo que, de um lado, parece estar em contradição com a dignidade de Jesus, é, de outro lado, uma necessidade lógica para compreender na prática a vida de Jesus. Ele não

---

<sup>3</sup> SCHLEIERMACHER, 1990, p. 388

poderia ser nosso modelo, se não pudéssemos construir para nós seu modo de agir. Evidencia-se, assim, a importância do uso do *Calculus* também para a vida de Jesus. Sem esse recurso, sua influência prática sobre nós não nos atingiria. Apesar daquela aparente contradição, isso, contudo, deve ter sua verdade.

Voltemos agora a atenção à questão dos limites do *Calculus*. Se não é possível arrancar o indivíduo humano das condições gerais de sua existência particular, ou seja, do caráter de seu povo e de sua época, então isso parece desfazer novamente aquele uso, que também postulamos para o conhecimento de Jesus, porque estamos hoje numa outra época e pertencemos a outro povo. Se não podemos tirar Jesus de seu contexto, para pensá-lo em nosso povo e em nossa época, então o conhecimento Dele novamente não tem nenhum valor prático, pois, deixa de ser modelo ou referência para nós. - Podemos, contudo, perguntar a partir de outro ponto de vista: não seria isto uma diminuição ainda maior da dignidade específica de Jesus, se o devemos pensar como colocado nas condições de uma determinada época e num determinado povo? Schleiermacher atém-se, primeiramente, a esta última questão, e para respondê-la propõe um exame mais acurado da relação entre o homem particular, na história do desenvolvimento de sua vida, e aquelas condições gerais do ser humano.

Para o filósofo, é preciso iniciar com uma pressuposição, de que a vida deva ser pensada em sua constante progressão, de forma alguma num círculo. Considerando a relação do individual com a vida comunitária sob essa pressuposição, veremos que é preciso pensar isso de duas maneiras: de um lado, pensar de tal maneira, que o indivíduo fique sob a influência da vida coletiva à qual pertence; mas também, de outro lado, que essa vida coletiva ou global esteja sob a influência do indivíduo. Sem a primeira perspectiva, seria falso o enunciado de que o individual é condicionado pelo coletivo ou comunitário a que está vinculada sua existência, e também teríamos que considerar como um acaso tudo aquilo que estivesse sob a forma da necessidade histórica e natural. Mas, se a outra perspectiva fosse falsa, então não poderia existir progresso histórico. É certo que não podemos chegar ao primeiro início da realidade humana, mas na vida em geral não poderia haver desenvolvimento, em nenhuma relação, se não estivesse sob a influência do indivíduo.

Existem, entretanto, homens cujo desenvolvimento transcende seu povo e sua época e, em consequência, seus níveis de desenvolvimento estendem-se até a vida em geral. Quando o indivíduo exige a vida como um todo mediante resultados que antes não existiam, mas que, posteriormente, se constituem num bem comum, então o todo está sob a influência da vida individual. Mas, entre aqueles que exercem essa influência dominante sobre a vida como um todo, não pode existir ninguém que, enquanto domina numa relação, não esteja, em outra relação, sob a influência da vida coletiva. É preciso reconhecer essa duplicidade em sua universalidade. Há, evidentemente, muitos indivíduos dos quais não se pode comprovar que eles exerceram grande influência sobre sua comunidade de origem, mas que, ao contrário, estão completamente sob a influência de seu contexto. Isso é natural e compreensível, afirma Schleiermacher, e faz parte do conceito de homem enquanto espécie. Caso contrário, não poderia haver uma vida humana coletiva, e as influências dos indivíduos haveriam de se paralisar, e tão somente haveria indivíduos, cada qual para si. Mas, o importante é que, entre aqueles, aos quais atribuímos uma influência dominante, não pode ser pensado nenhum que, ao exercer essa influência numa relação, não se encontre, de outro lado, sob a influência da vida coletiva. Uma vez que a diferença dos indivíduos se assenta sobre a relação das diversas formas de atividades humanas, então também precisamos pensar como diferente, em cada indivíduo, cada uma dessas formas, ou seja, segundo seu sentido específico, mas também diferente segundo a quantidade. E o indivíduo somente pode exercer uma influência dominante em virtude daquelas formas de atividade que existem e dominam dentro dele mesmo, mas em relação aos outros indivíduos ele está sob a influência da vida coletiva.

Após essas considerações, a tarefa específica, da descrição da vida de Jesus, não parece mais tão difícil quanto no primeiro momento. Não nos parece mais como suspensão de toda dignidade específica de Jesus, quando dizemos que Ele também se encontra nessa relação com a vida coletiva à qual está vinculado e da qual vive, mesmo que afirmemos e até destaquemos sua influência sobre o coletivo. – No mais, pode-se distinguir vivência popular e época, mas essas diferenças cruzam-se entre si, e a influência dominante da vida individual é, sem dúvida, maior quando atinge juntamente este cruzamento: se o indivíduo exerce uma influência tal que se estende para além de seu povo e de sua época, então ele é maior do que se logo

desaparecesse com a época. Portanto, sem omitir que devia existir uma relação de Jesus com o seu povo e sua época, podemos, contudo, pensar uma influência de sua atuação, e que, inclusive, se estenda *para além de todos os povos e todas as épocas*. Mas, isso significaria que Jesus de forma alguma tenha estado sob a influência de sua época e de seu povo?

Schleiermacher escreve que foi questionado sobre isso de muitas maneiras, porque, em sua obra *Glaubenslehre* (Doutrina da Fé), ele se viu obrigado a abordar o assunto na discussão sobre Cristologia. Aí ele apresentou a questão de tal maneira que, de qualquer forma, há necessidade de pensar uma influência do povo sobre Jesus, e também de sua época. Teólogos de renome e bem intencionados o haviam questionado, argumentando que, nessa posição, a dignidade própria de Jesus seria diminuída. Para o filósofo, a suspeita dos teólogos não deve passar de um mal-entendido. Pois, mesmo que não queiramos pensar outra coisa do que a influência dominante de Jesus, então teremos que dizer: Ele não podia ter exercido essa influência, se não tivesse carregado dentro de si a época e o povo de sua época. Qualquer atividade de Jesus, que quiséssemos pensar totalmente livre disso, teria sido absolutamente estranha para as pessoas próximas dele; mas, uma atividade desse tipo somente pode ser objeto de reflexão, e não consegue ir mais longe: na vida real, em relação a isso, a gente se fecha, até que encontre um ponto em comum, pois somente neste também pode ser pensada uma atividade coletiva ou uma continuação viva ou consciente da atividade do outro.

Por fim, o autor procura ser ainda mais concreto. Deixa claro que está se referindo ao conhecimento divino de Jesus. Alguém poderia propor que esse conhecimento depende completamente de seu povo e de sua época e que, por isso, a influência dominante de Jesus, acima referida, estaria suspensa. Schleiermacher, entretanto, contra-argumenta: Jesus somente pôde ser aquilo que é em nossa fé, conquanto se estabeleceu um tipo de conhecimento divino que se pode difundir, segundo o espaço e o tempo, sobre tudo que é humano, e encontrar reconhecimento por tudo. Por isso, a razão mais profunda de seu conhecimento divino deve ser procurada naquilo que significa sua dignidade específica. Mas, se é preciso distinguir entre essa razão mais profunda e sua manifestação temporal e espacial mais próxima, assim Jesus não pôde se manifestar de outra maneira a não ser na língua em que nasceu e cresceu, e na qual se baseava sua vivência comunitária com outros

homens. Perguntemos, entretanto: a língua na qual Jesus viveu continha em si o conhecimento absoluto de Deus, ou a capacidade de trazê-lo adequadamente para a consciência, em suas particularidades? Para Schleiermacher, a resposta é “não”! Pois, caso contrário, Jesus nem teria sido necessário, e o conhecimento de Deus teria se difundido por si mesmo através da linguagem. Portanto, nessa relação da linguagem, na manifestação sensível de seu conhecimento divino, Jesus estava sob a influência de seu povo, de quem a linguagem é a manifestação, e, sem dúvida, também sob a influência de sua época. E quando, nessa relação, Ele quisesse fazer algo, então somente podia fazê-lo mediante representações usuais, das quais teve que se servir. Nossa pressuposição, lembra o filósofo, é que na dignidade específica de Jesus estava o fundamento para o conhecimento divino absoluto, que pôde se tornar um modelo para todos os homens. Isso significa que deveríamos pensar que Jesus, enquanto criança, ao iniciar a falar em sua língua, em suas representações, no primeiro ato de sua consciência, já tenha manifestado aquele conhecimento divino? Afirmar isso seria entrar em contradição direta com a própria Sagrada Escritura, pois então Jesus não teria crescido em conhecimento.

Portanto, se precisamos pensar Jesus no período de seu desenvolvimento, então aí ainda não podemos incluir uma influência dominante por parte dele. Houve, portanto, um tempo em que também Ele estava sob a influência das condições comuns, e nele, como em qualquer outro, a influência dominante apenas se exerce mais tarde, por mais que a razão pela qual ele começou a exercer essa influência precise ser apresentada como algo originário, exatamente como, em alguns homens privilegiados, precisamos apresentar talentos extraordinários como algo original, por mais que eles, no primeiro desenvolvimento, estejam sob a influência das condições comuns da vida. *“Se não fosse aceito o verdadeiro desenvolvimento humano em Cristo, então também não poderia ser aceita a verdadeira vida humana”*<sup>4</sup>.

## Referências

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Das Leben Jesu* (1832). In: Friedrich Schleiermachers *Sämmtliche Werke*, I/6. Aus Schleiermachers handschriftlichem Nachlasse und Nachschriften seiner Zuhörer, hrsg. von K.A. Rütenik, Berlin 1864, p. 7-14.

---

<sup>4</sup> SCHLEIERMACHER, 1990, p. 394.



\_\_\_\_\_. *Hermeneutik und Kritik*; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4.Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990.

\_\_\_\_\_. *Das Leben Jesu*: Vorlesungen an der Universität zu Berlin im Jahr 1832. In: *Hermeneutik und Kritik*; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4.Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990, p. 387-394.

\_\_\_\_\_. *Der christliche Glaube*. Nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche im Zusammenhange dargestellt (1821/22), Teilband 1, hrsg. von Hermann Peiter. In: SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Kritische Gesamtausgabe*. Hrsg. von Hans-Joachim Birkner et alii. Erste Abteilung, Schriften und Entwürfe, Bd. 7, Teilband 1, Berlin/New York, Walter Gruyter, 1980.